

Esforço controlado

O Laboratório de Esforço Físico da UFSC dá dicas para quem quer e precisa praticar exercícios físicos. **Na página 10 leia também sobre o Mal de Parkinson.**



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Abril de 2007 - Nº 380

Só Urgências

A vida não espera

Pesquisa sobre
quilombolas
p. 4

O ambiente
aquece a mídia
p. 5

Ervas daninhas,
que nada!
p. 8

Grupo de
Montevideo
P. 9



A Emergência do HU, único hospital de Santa Catarina totalmente público e gratuito, está recebendo melhorias sugeridas pela Vigilância Sanitária em função da demanda crescente oriunda de todo o Estado.
Leia ainda nas páginas 6 e 7 sobre células-tronco, saúde auditiva e remédios.

Do Editor

Alguma esperança

O Plano Nacional de Educação, oportunamente apresentado pelo presidente Lula e pelo ministro Fernando Haddad, pode ter reintroduzido alguma esperança no País. Estão "apalavrados" investimentos de R\$ 8 bilhões na qualidade do ensino até o final da gestão petista. De cara, pegou bastante bem, inclusive entre as lideranças do ensino superior, a idéia de um piso nacional para o magistério, cujos recursos viriam do Fundeb. (O valor é que são elas!).

O reitor da UFSC e vice-presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Lúcio José Botelho, acompanhou pessoalmente a exposição no Planalto. Considerou muito corajosas as palavras do presidente e do ministro da Educação, presumindo que, com disposição política, o governo implemente as mudanças necessárias, revertendo o diagnóstico péssimo exibido durante o debate.

Pelo plano anunciado, a educação a distância, via universidade, assumirá papel preponderante na capacitação docente do ensino básico, possibilitando, além de aperfeiçoamento, a própria formação em nível superior. Nesse desafio, evidentemente, a UFSC poderá dar uma efetiva contribuição, reproduzindo um pouco da sua experiência de interiorização em andamento. Cabe citar, nesse ponto, editorial do *DC* (17/3), no qual o jornal adverte que "a democratização do ensino, porém, não pode se dar à custa da perda de qualidade, tendência que diferentes avaliações vêm apontando de forma preocupante e inaceitável nos últimos anos". Já a possibilidade de obtenção de recursos extras para as Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) investirem em novos projetos sinaliza para o fortalecimento da universidade pública, hoje acuada pelo flagrante desrespeito à autonomia universitária por parte dos três Poderes. (ML)



Expediente

Elaborado pela Agecom -
Agência de Comunicação da UFSC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323.
Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:
Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing:
Artemio R. de Souza (Coord.)

Redação

Alita Diana (Jornalista)
Arley Reis (Jornalista)
Celita Campos (Jornalista)
José A. de Souza (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Margareth V. R. Claussen (Coop. Tec.)
Ana Carolina Dall'Agno (Bolsista)
Daniel Ludwig (Bolsista)
Diego Ribas Araújo (Bolsista)
Fernanda Rebelo (Bolsista)
Jéssica Limpinski (Bolsista)
João Gustavo Munhoz (Bolsista)
Ingrid dos Santos (Bolsista)
Livia H. Freitas (Bolsista)
Talita Fernandes de Jesus (Bolsista)

Fotografia:

Jones J. Bastos
Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry

Tania Regina de Souza

Editoração e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr
Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)
Beatriz S. Prado (Expediente)
Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Diário Catarinense



Moacir Loth

Tucanaram o esgoto. Placa batiza o leito fétido que "embeleza" a frente do Iguatemi de "Água Pluvial".

Pizza, vinho e comunicação. EdUFSC lança dia 9 de maio, às 19h30min, na Pizzaria San Francesco, o livro *Santos e Pecadores - Comunicação versus crise na era da informação*, do jornalista Artemio Reinaldo de Souza, da equipe da Agecom.

Regras mantidas. Reelection de reitor e vice é legal. É preciso saber agora se eles querem!

Urp. "Não nos dispersemos" - Tancredo Neves.

Agecão. Já passou da hora para o Canil de Florianópolis criar uma Assessoria de Comunicação.

Turista desabafa. "Só é a favor da Farra quem nunca foi boi".



Sapinha ou sapinho? A Mata Atlântica de Santa Catarina abriga mais de 70 espécies de anfíbios, entre eles, *Pingo de Ouro* (foto), o menor sapo do mundo. Saiba mais no Instituto Rã-bugio (www.ra-bugio.org.br)

UFSC na mídia. Pesquisa com células-tronco repercutiu no Estado, no País e no exterior. Até em Portugal, por onde andou o reitor.

Goleadas da integração. Chutes magníficos à parte, a Imprensa Universitária e a Agecom disputaram jogos de confraternização. A integração dos vizinhos, independentemente dos resultados, foi a grande vitoriosa.

Toda razão. Esse negócio de "obrigar" o calouro a "esmolhar" na esquina para juntar grana para os veteranos fazerem farra é algo absolutamente vergonhoso. Além de perigoso e ilegitimo, pega muito mal para a Universidade Pública! A crítica da imprensa procede.

Em tempo. A ONU corrigiu a coluna *Caiu na Cesta*; na verdade, o aquecimento mundial poderá levar sede e fome para 3,2 bilhões de pessoas, ou seja, bem mais do que o 1 bilhão previsto.

Efeito-dominó. Os governadores e prefeitos apóiam Lula na "proibição" às greves.

OLA! Professor da UFSC, Nildo Ouriques, galgou merecido espaço na *Globo News* e na *Caros Amigos*.

A avenida Rubens de Arruda Ramos, mais conhecida como Beira-Mar Norte, em meados dos anos 80, na época em que se preparava para ser ampliada.

Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição



Foto: Jurandir Nascimento

O humor de luto

"Rir e amar são as melhores coisas da vida"
(Horácio Braun - 13/06/1950 - 24/03/2007)

Colunista, humorista, publicitário, agitador cultural, dono de bar etc, Horácio criou, com o fotógrafo Ingo Penz, a Bierfahrrad e a Choppmotorrad, atrações que projetaram a Ocktoberfest. Fomos colegas na *Santa* em 1976. Horácio "baixava" Blumenau, editoria que assumimos mais tarde. Horácio celebrou a vida até o último momento.

Preparação. O Dia Nacional de Luta (17 de abril) e o lançamento da Campanha Salarial dos Trabalhadores do Serviço Público Federal repercutiram forte dentro e fora da universidade. O fechamento do RU, por exemplo, deixou estudantes com fome e indignados.

Mentira! Boi que funcionário "ganhou" no domínio teria sido raptado no campus para "animar" a Farra.

Mídia desgovernada. *Governando com a Mídia: o agendamento mútuo entre os mass media na política nacional*. A tese de doutorado foi defendida na Sociologia Política por Paulo Fernando Liedtke, da equipe da Agecom. A qualidade da pesquisa recebeu pronto reconhecimento: o artigo do autor está entre os 120 aprovados para 12 grupos de trabalho do Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), marcado para junho, em Curitiba. Único selecionado na UFSC, o trabalho recebeu igualmente destaque na Revista Internacional *Sociologia*, publicada pela Editora *Escala*. Com a aprovação do mestrado, o Curso de Jornalismo da UFSC passou também a integrar a Compós.

Frase

Se as autoridades, investidores, ecologistas, lideranças políticas e comunitárias definirem o planejamento comum, que harmonize economia com ecologia, a Ilha estará salva.

Jornalista Moacir Pereira,
no *DC*, em *A Ilha tem salvação*

Memória



Foto: Norberto Depizzolatti

Semeador de idéias

No dia 13 de fevereiro de 2006, a Ministra da Cultura de Portugal inaugurou com uma conferência o programa comemorativo aos 100 anos de nascimento do Professor George Agostinho da Silva. Simpósios, mesas-redondas, apresentações de filmes, exposições fotográficas e lançamentos de livros, tanto em Portugal, como no Brasil, fazem parte dessa extensa programação (ver www.agostinhodasilva.pt).

O Mestre Agostinho da Silva, nascido no Porto, correu o mundo procurando aproximar as antigas colônias portuguesas com Portugal e o Brasil, através da criação de centros de estudos e de intercâmbio cultural. Exonerado pela ditadura de Salazar nos primeiros anos de sua vida profissional, o mestre circulou por alguns países europeus, pela África e pela Ásia, acabando por chegar ao Brasil nos finais dos anos quarenta. Atuou em diferentes instituições e em particular em universidades. Na Bahia, onde viveu algum tempo, criou um Centro de Estudos Afro-asiáticos. Aqui em Florianópolis, na antiga Faculdade Catarinense de Filo-

sofia, fundou um Núcleo de Estudos Africanos.

Como professor suas aulas atraíram o interesse de estudantes e professores. Conhecedor do mundo informava com desenvoltura sobre diferentes culturas, sociedades e países. Educador tinha especial atenção para com cada um de seus discípulos, estimulando-os e abrindo-lhes sempre novas perspectivas.

Em Santa Catarina, durante o governo Jorge Lacerda, sugeriu a criação do Departamento de Cultura, que conseguiu instalar junto com o professor Walter Piazza. Criada a Universidade Federal de Santa Catarina, Agostinho da Silva transformou-se numa fonte de consultas para o grupo liderado pelo professor Ferreira Lima, responsável pela instalação da nova instituição e seu primeiro Reitor. Logo em seguida, em 1962, foi atraído por Darcy Ribeiro, então Ministro da Educação, para colaborar na implantação da Universidade de Brasília. Deixou Florianópolis, entretanto, sem se desligar da UFSC e de seus amigos.

Em Brasília, foi um dos baluartes da UnB, até ocorrer à intervenção dos militares, nos idos de 1968. O mestre Agostinho, então, voltou a circular pelas grandes universidades européias. Com a queda de Salazar, regressou a Portugal. Aí se radicou, refazendo velhas amizades e articulando política e diplomaticamente diversos projetos envolvendo tanto os países de língua portuguesa, como seus inumeráveis ex-alunos, amigos e admiradores. A aproximação da UFSC com a Comunidade Autónoma de Açores, por exemplo, que se iniciou na gestão do Reitor Ernani Bayer, teve como grande incentivador o professor Agostinho. O mestre circulava com desenvoltura entre embaixadores, reitores e governantes. Tinha trânsito fácil entre intelectuais, poetas e cientistas. Era amigo de Mário Soares, seu ex-aluno, como de tantos outros. Sua extensa obra, bastante dispersa, felizmente está sendo reeditada e não poucos têm sido os esforços no Brasil em Portugal para recuperar sua fértil trajetória intelectual.

O professor George Agostinho da

Silva foi um excepcional disseminador de idéias, de ensinamentos, de instituições e de vivências democráticas. Foi também educador, filósofo, poeta e escritor. Em bom momento a UFSC e a Academia Catarinense de Letras articularam uma programação para reverenciar sua vida e sua obra, que foi concluída no último dia 29 de março.

Sílvio Coelho dos Santos
Professor Emérito da UFSC e
Pesquisador do CNPq.



A gestão ambiental na UFSC

A gestão ambiental nasceu dentro de uma perspectiva de planejamento das atividades industriais num contexto de criação de padrões mundiais de competitividade, organizadas pela International Standardization Organization - ISO, em Genebra. Com o tempo, acabou se tornando uma norma de orientação gerencial para implantação de sistemas de gestão ambiental em empresas de grande porte, micro e pequenas empresas e instituições de uma maneira geral. Uma das primeiras universidades mundiais a implantar o Sistema de Gestão Ambiental foi a Universidade de Sheffield na Austrália, que conquistou inclusive a certificação ISO14000.

Entretanto, o esforço da Administração da UFSC, quando criou a Coordenadoria de Gestão Ambiental (CGA) em maio de 1996, foi no sentido de desenvolver ações de controle ambiental no campus. A iniciativa mostrou-se meritória e continua sendo, mas o con-

texto de sua implantação numa instituição pública tem algumas características que precisam ser consideradas. Quando falamos de Gestão em qualquer área que seja, estamos falando de Planejamento, e não de gerenciamento administrativo. Portanto, existe uma diferença fundamental entre gestão e gerenciamento ambiental. Na gestão ambiental, a variável ambiental é que deveria estruturar todas as relações do planejamento institucional. Isso implicaria na geração de auditorias ambientais das unidades, e da geração de um plano de ação com aspectos, impactos, custos, prazos, responsabilidades, indicadores de desempenho e requisitos legais aplicáveis em cada caso.

Acontece que a administração pública na esfera federal, antes de 2006, não tinha nenhum programa de gestão ambiental, como também não conseguiu até hoje implementar de forma consequente a avaliação ambiental

estratégica de suas políticas públicas, o que tem gerado mormente, problemas de competência comum (administrativa) e concorrente (legislativa) entre os níveis federal, estadual e municipal na gestão dos bens e atividades públicas. Independentemente dessas condições, a UFSC vem fazendo o gerenciamento ambiental de suas atividades, o que não implica num Sistema de Gestão Ambiental (SGA). Se forem realizadas auditorias ambientais na UFSC verificar-se-á que muitas das ações realizadas pela CGA fazem parte de um SGA, mesmo não tendo uma estrutura de planejamento formalizada nessa direção.

Pela envergadura da UFSC, e o tamanho do conjunto dos aspectos e impactos ambientais resultantes de suas atividades operacionais diárias tem-se feito muito, em face das restrições e condições colocadas pela administração pública federal, conforme pode ser observado no escopo de ati-

vidades listadas na página eletrônica da CGA (www.cga.ufsc.br), com destaque para as ações na área de reciclagem, coleta e destinação final de resíduos. Como instituição de ensino superior, é inegável o papel da UFSC como irradiadora do conceito de gestão ambiental em Santa Catarina. Muitos de nossos colegas professores pesquisadores têm desenvolvido, divulgado e repassado a sociedade catarinense uma série de conhecimentos e novos conceitos operacionais voltados à ótica da sustentabilidade, do consumo sustentável, da educação ambiental e da busca de uma consciência socioambiental.

Enfim, estamos diariamente construindo uma perspectiva de um futuro Sistema de Gestão Ambiental da UFSC, a partir da mudança paulatina de sua cultura organizacional.

Prof. Érico Porto Filho
Professor da UFSC

Informações socializadas

Dez mil acessos por dia. Esta é a estatística média de visitantes ao site da UFSC (www.ufsc.br). Com notícias atualizadas diariamente, informações institucionais e links para os principais setores da universidade, o portal da UFSC recebe, em média, mais de 200 mil acessos por mês.

Esse número expressa as visitas únicas - ou seja, se uma pessoa entra cinco vezes no site da UFSC, no mesmo dia, esta repetição não aparece no item usado para acompanhamento dos acessos únicos. Alguns períodos batem recordes. Em dezembro passado, mês em que ocorreu o Vestibular da UFSC, foram 382 mil visitantes. Em março, 354 mil.

O número de pessoas que retornam também é considerável. Em março, por exemplo, foram no total 462.684 acessos - o que significa que 23,38%, ou 108.172 pessoas visitaram o site em determinado dia e retornaram pelo menos uma vez.

A maioria dos visitantes são do Brasil, mas também entram no portal pessoas de mais de 40 países, entre eles, Estados Unidos, Portugal, Alemanha, Argentina, Espanha, França e Canadá.

"Inteligência em laboratório" (Carta publicada no jornal *A Notícia*)

"Nossos cumprimentos pela excelente matéria de capa (AN-15/4, pág. A-4 e A-5) sobre a produção científica das nossas universidades. A reportagem de Aline Machado Parodi (*A inteligência catarinense em laboratório*) é um reconhecimento às Instituições e ao mesmo tempo um estímulo à produção científica, tecnológica e à inovação. A divulgação das pesquisas legítima, cada vez mais, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no cenário local, estadual, nacional e internacional. Informando e prestando contas das realizações das universidades e dos cientistas, os meios de comunicação ajudam a conscientizar os governos e a população sobre a importância de se investir nessa área vital para a sociedade e o País.

Parabenizamos ainda o AN pelo editorial *Apoio à pesquisa em SC*, que, além de destacar a qualidade e a liderança da UFSC, ressalta o papel da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado (Fapesc), reassumida pelo ex-reitor Antônio Diomário de Queiroz".

Professor Lúcio José Botelho - Reitor da UFSC
Professor Arioaldo Bolzan - vice-Reitor

Direitos quilombolas

Raquel Wandelli
Especial para o JU

O Instituto Nacional do Seguro Social, o Movimento Negro e a Universidade Federal de Santa Catarina iniciaram um trabalho conjunto para garantir o acesso aos direitos das comunidades quilombolas às políticas públicas.

A primeira tarefa será realizar em maio um Seminário sobre Previdência e Relações de Trabalho dos Quilombolas com os líderes dessas comunidades. "O objetivo é desencadear um trabalho de divulgação para que essas pessoas tenham acesso a seus direitos. Ao mesmo tempo, precisamos fortalecer uma política previdenciária específica, que leve em conta a realidade cultural e histórica dos quilombolas", explica a gerente regional-sul do INSS, Eliane Schmidt.

Fazem parte da comissão de organização o Fórum Estadual da Diversidade Étnico-Racial, o Núcleo de Estudos Afro-Descendentes (Nead) da Secretaria de Estado da Educação, o Movimento Negro Unificado e o Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas (Neur) da UFSC. A iniciativa partiu da Gerência do INSS ao constatar que nem mesmo as lideranças do movimento negro conhecem a Lei 8.213, de 1991, que lhes dá direito à aposentadoria por idade ou por invalidez, salário-maternida-

de, auxílio-acidente, auxílio-doença, pensão por morte e auxílio-reclusão. "Como vive isolada, em condições de pobreza e baixa ou nenhuma escolaridade, a maioria trabalha até 70, 80 anos na roça sem usufruir desses benefícios", depôs Maria Benedita Primm, representante do Fórum da Diversidade.

Em relação à aposentadoria, a idade exigida para os homens é de 60 anos e 55 para as mulheres, cinco a menos do que para o trabalhador urbano. Também não precisam comprovar tempo de contribuição, mas devem atestar atividade rural, enquanto os índios podem requerer o benefício mediante declaração de tutela da Funai. A prova da atividade através de notas de venda, como para os agricultores, dificulta a concessão do benefício para uma cultura baseada na oralidade e sem o hábito de guardar documentos. Como solução, a representante do Movimento Negro em Santa Catarina, Maria de Lourdes Mina, sugere definir o certificado de comunidade Quilombola como comprovante, proposta que será discutida no seminário.

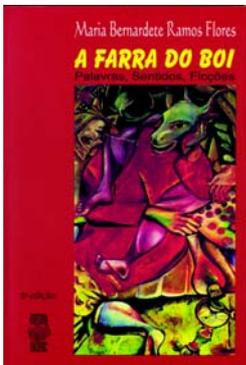
Aproximadamente 200 comunidades quilombolas sobrevivem em Santa Catarina, conforme estimativas dessas entidades. "São relegadas à invisibilidade em um Estado de formação étnica considerada branca", arremata Eliane.

Foto: Camila de Sousa



O Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas participa da divulgação para garantir os direitos às comunidades quilombolas

Bois nas letras



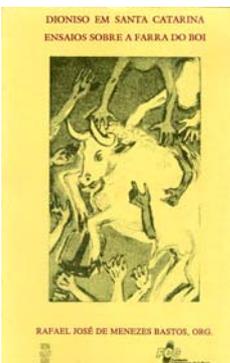
Artemio Reinaldo de Souza
Jornalista na Agecom

A farra do boi, que ocorre tradicionalmente durante a Páscoa no litoral catarinense, alimenta debates, polêmicas e reações locais, nacionais e até no exterior. O assunto ganha espaço nas universidades, na mídia, na igreja e no parlamento. E ultimamente vem recebendo a atenção de pesquisadores, gerando dissertações, teses e livros.



Sendo assim, a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC) colocou em circulação um terceiro livro sobre o assunto: *Bom para brincar, bom para comer - a polêmica da Farra do boi no Brasil*, do antropólogo Eugênio Pasche Lacerda.

Integrante do Núcleo de Estudos Açorianos e do Núcleo de Estudos da Arte, Cultura e Sociedade na América Latina da UFSC, o estudioso tenta esclarecer, histórica e didaticamente, este ritual praticado secularmente no litoral catarinense pelas populações de origem açoriana. Lacerda oferece ao leitor "uma reflexão interpretativa sobre o conceito de violência e a eficácia de uma abordagem da festa nativa como arte, drama e ritual". O livro soma-se a outros dois publicados pela EdUFSC: *Dioniso em Santa Catarina - Ensaios sobre a Farra do Boi*, organizado por Rafael José de Menezes Bastos e *A Farra do Boi - palavras, sentidos, ficções*, de Maria Bernardete Ramos Flores. As obras apresentam base teórica e antropológica para dirimir dúvidas e eliminar informações superficiais e distorcidas sobre a eterna polêmica.



Obras tentam justificar "cientificamente" o ritual praticado no litoral

Trote premiado

Cláudia Schaub Reis
Jornalista na Agecom

Mais um semestre se inicia, trazendo com ele os rituais de recepção dos calouros.

Apesar de proibido no campus desde 1997, o trote sujo (com ovos, farinha, tinta e esmolos) foi aplicado em diversos estudantes de variados cursos.

O que muitos acadêmicos ainda não sabem é que em 2005 a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), junto com os Centros Acadêmicos (CAs) e em parceria com o Banco do Brasil, criou o programa "Trote Solidário", que estimula a troca de brincadeiras tradicionais por ações educativas, sociais, de lazer para desenvolver o espírito voluntário e a consciência cidadã. Através do programa, os CAs que se destacam recebem prêmios em dinheiro: R\$1.500, R\$750 e R\$500 para os três primeiros lugares.

A Agronomia e a Geografia aderiram ao trote solidário. A Lagoa da Conceição foi o local escolhido pela Agronomia para uma limpeza geral: os calouros percorreram 1,5 quilômetros, em direção ao Rio Vermelho, acompanhados da Comcap, que forneceu sacos plásticos e o caminhão para o depósito dos resíduos.

Já o curso de Geografia visitou o Canil Municipal de Florianópolis. O trote consistiu em dar banho nos cerca de 30 cães. Leandro Moraes de Bem, o aluno que organizou o trote, afirma que além da integração, a atividade serve também para trazer benefícios à sociedade.



O trote da Geografia foi amplamente divulgado pela mídia. A foto, de Flávio Neves, mostra o aluno Leandro de Bem (direita), e foi divulgada nos jornais *Diário Catarinense*, *A Notícia* e *A Hora de Santa Catarina*, como uma boa alternativa ao trote sujo

Aquecimento global, mídia e o homem do bilhão

Miriam Santini de Abreu
Especial para o JU

“Os meios de comunicação não cobrem meio ambiente” era crítica comum de 1992 para cá. Naquele ano o Brasil foi sede da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92. O tema virou moda, mas, passados alguns meses do evento, a maior parte de cadernos, editoriais e boas intenções desapareceu. E eis que, em 2007, a relação sociedade/natureza novamente volta a ser pauta prioritária. A crítica à pouca quantidade de textos já não se sustenta. Mas e a qualidade?

Desta vez, o fato de desencana-deu a avalanche de notícias foi a divulgação do relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima, criado pela ONU. O que antes era apenas insinuado agora virou “inequívoco” e “muito provável”: o aquecimento global está relacionado com o modo de produção da espécie humana. O conforto das casas, carros, celulares, computadores, viagens de turismo e toda a energia necessária para mantê-lo está cobrando seu preço. O tema, como se diz, caiu no boca do povo. Mas basta cruzar informações – aparentemente sem conexão – divulgadas em 2007 para perceber que isso não significa uma reflexão mais aguda sobre o assunto. E esse “cruzamento” a mídia não faz.

Dá para começar em fevereiro, quando a Exxon Mobil, a maior companhia de petróleo do Ocidente, divulgou seu lucro em 2006: 39,5 bilhões de dólares, o maior de uma empresa de capital aberto dos Estados Unidos. Nunca as burras do capitalismo ficaram tão cheias. Dá até para imaginar o sorriso do Tio Patinhas. E, em março, é a vez do etanol, que virou alvo concentrado de atenção por causa da vinda de

George Bush ao Brasil. Os biocombustíveis como o etanol são apontados como fonte alternativa e menos poluente de geração de energia. É esse capítulo ético que propicia analisar a cobertura da imprensa.

Foi noticiado que os dois governos se prontificaram a avançar no desenvolvimento de novas técnicas, levar os benefícios delas a outros países e expandir o mercado do etanol com o estabelecimento de padrões internacionais. Diz o senso comum que o Brasil, com a produção de mais etanol, faria sua parte para minimizar o aquecimento global. Além disso, a produção e venda no mercado mundial gerariam novos empregos. Só que o resultado da visita desmente esse tipo de aposta.

Basta vasculhar jornais e revistas e encontrar pequenos artigos, notas e notícias não-relacionadas à visita para perceber outra leitura da realidade. O Estados Unidos, por exemplo, se recusa a retirar a taxa, prevista em lei, sobre o álcool combustível comprado do Brasil, que é de 54 centavos de dólar mais 2,5% de imposto alfandegário. Além disso, não admitem cortar os subsídios para os seus plantadores de milho, que fazem dos EUA o maior produtor de etanol do mundo.

Por outro lado, Bush e comitiva voltaram a insistir na necessidade de o Brasil e demais “emergentes” aceitarem mais importações de produtos industriais e de serviços dos países ricos. Esse “toma lá, dá cá” revela uma nova faceta de um processo histórico no País, de exportação de produtos agrícolas e importação de tecnologia. E quando se fala em “serviços”, basta citar o empenho de grandes grupos internacionais para tomar uma fatia da educação e da saúde, que, de direitos, se transformariam em serviços.

Na hipótese de os EUA derrubarem a tal tarifa, o que só poderia aconte-

cer em 2009, quais seriam os resultados? Aqui desfilam várias respostas para as quais a maior parte da mídia não dá tanta atenção. A primeira é o aumento da procura por terra, como já acontece no norte do Espírito Santo – outrora coberto por Floresta Atlântica e hoje dominado por pastagens – onde grupos estrangeiros e até o bilionário George Soros estão apostando no setor. E isso sem falar na Amazônia, para a qual o governo Lula espera um futuro possível através de “parcerias” com a iniciativa privada.

Diz o governo que os novos plantios vão ser feitos em áreas já degradadas de floresta. Mas onde estão elas? Quantos hectares somam? E quem vai garantir que os produtores não derrubem áreas ainda cobertas por mata? Enquanto Bush visita a América Latina para falar de etanol e aquecimento global, a *Folha de S. Paulo* noticia que o Banco Mundial emprestou 90 milhões de dólares para o Grupo Bertin ampliar a capacidade de abate de gado de 250 mil para 500 mil cabeças/ano até 2009 na região de Marabá!

Outro aspecto pouco explorado nas notícias sobre o assunto se refere à relação capital/trabalho na produção de cana e etanol. O setor se mecaniza cada vez mais e vai deixar na rua trabalhadores que, quando empregados, morrem literalmente de exaustão nos canaviais. São “histórias que o sertão esconde”, com dizia o jornalista Marcos Faerman, e que boa parte da mídia, que ouve mais os do “andar de cima”, não vê.

Três fatos podem resumir o que este artigo tenta mostrar: o buraco da discussão do aquecimento global é “mais em cima”, lá onde as grandes

Miriam é autora do livro *Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável*. Editora da UFSC, 180 páginas, R\$ 22,00



corporações se unem para decidir onde aplicar dinheiro e criar novos símbolos de luxo e consumo; lá no mundo em que “fazer a nossa parte” e reciclar o lixo não têm qualquer importância.

O primeiro foi a avaliação do governo brasileiro de que o fato de Bush ter usado o capacete da Petrobras “já valeu a viagem”. Espetáculo midiático. O segundo, a investigação do Ministério da Justiça revelando que empresas como a Votorantim e a Camargo Corrêa – as maiores cimenteiras do país – estão montando um suposto cartel para combinar preços e conquistar o setor de concreto. Esse tipo de empresa, em público, adora falar das maravilhas do livre mercado. E é nelas que o governo Lula aposta para, via “parcerias”, melhorar a infra-estrutura do país. E, por fim, a divulgação da lista de bilionários feita pela revista *Forbes*. Nela, o Brasil contribuiu com 20 felizes membros, entre eles um empresário que a revista qualificou como o “primeiro bilionário mundial do álcool”. É isso. O setor do qual se espera uma resposta para o aquecimento global, para a produção de empregos e melhor distribuição de renda já fez vingar o quê? Um bilionário...

Meio ambiente na mídia

Livia Helena Freitas

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Mais de 2 bilhões de pessoas poderão ser afetadas pela falta de água até o fim do século pelo aumento da temperatura. Essa é uma das estimativas do relatório do Painel Intergovernamental para Mudança Climática (IPCC, sigla em inglês) divulgado no dia 2 de fevereiro. Através do levantamento feito pela ACNielsen em 46 países na internet, os brasileiros foram intitulados, junto aos chineses, os mais conscientes sobre o papel da atividade humana no aquecimento global e mostraram que se importam com dados como o divulgado no relatório.

A UFSC, por exemplo, encampa junto com a Tractebel Energia, uma série de pequenos cadernos sobre o meio ambiente publicados às segundas-feiras pelo *Diário Catarinense*. Ao todo, são 20 fascículos intitulados *Colecionáveis Meio Ambiente*.

Encartados nas páginas do *DC*, os *Colecionáveis Meio Ambiente* já trataram de assuntos como a flora e a fauna catarinenses, a extração de madeira no Estado, a importância da água e a geração de energia elétrica. Como é o maior pólo de produção científica do Estado, a UFSC é a principal fonte de informação para os cadernos.

Segundo Hans Helmut Zürn, professor Ph.D. do Departamento de Engenharia Elétrica da UFSC, existem vários laboratórios no Centro Tecnológico da universidade, CTC, envolvidos com pesquisas na área de geração de energia elétrica. O professor destacou, por exemplo, o Labsolar do Departamento de Engenharia Mecânica, que estuda energia solar e eólica, além dos seguintes locais do Departamento de Engenharia Elétrica: o Grupo de Concepção e Análise de Dispositivos Eletromagnéticos, Grucard, que está pesquisando geradores especiais para fontes alternativas e convencionais de energia, como a eólica e a hidráulica de pequeno porte, o Instituto de Ele-

Capa de Colecionáveis, publicação semanal encartada no DC: conceitos de meio ambiente disseminados à comunidade



trônica de Potência, INEP, que desenvolve conversores para energia fotovoltaica e o Laboratório de Sistemas de Potência, Labspot, que se dedica à modelagem e simulação de geração e sua conexão à rede elétrica.

Ao apoiar os *Colecionáveis*, a UFSC abriu um espaço para divulgar as atividades direcionadas à conservação do meio ambiente. Segundo Érico Porto Filho, da Coordenadoria de Gestão Ambiental da UFSC (CGA), a divulgação das atividades ambientais desenvolvidas é de extrema importância. “É

fundamental esse investimento, pois a CGA ainda não amadureceu suficientemente para difundir seus projetos. Nesse caso, a UFSC poderia até implementar uma ação mais efetiva”, pensa.

De acordo com o vice-reitor da UFSC, Ariovaldo Bolzan, patrocinar os *Colecionáveis* é uma maneira da universidade fazer com que alguns conceitos importantes cheguem à comunidade. “É uma saída para disseminar o conhecimento”, sustenta.

A caminhada da



Foto: Paulo Noronha

Diretor do HU mostra obras da emergência em entrevista coletiva

Emergência pela vida

Ingrid dos Santos

Bolsista de Jornalismo na Agecom

O Serviço de Emergência do Hospital Universitário da UFSC está sendo reformado para a melhoria do atendimento à população. O principal objetivo é implantar um novo conceito de gestão de emergência, promovendo maior humanização e qualidade no tratamento dos pacientes. As obras começaram em 26 de março e devem durar quatro meses.

Essa nova concepção de emergência está baseada na divisão do setor em três partes: verde, amarela e vermelha. Ao chegar, o paciente permanecerá na ala amarela, onde será avaliada a gravidade de seu caso. Se for constatado que a situação é grave, a pessoa será diretamente encaminhada para a ala vermelha. Caso contrário, irá para a área verde, podendo ou não ser levada para a área vermelha.

Outra novidade é a ampliação do local, com o aumento do número de leitos de sete para 15, além da construção de novas salas. Haverá também a modernização e substituição de alguns equipamentos.

Durante as obras, o Serviço de Emergência atenderá somente os casos considerados de extrema urgência, como vítimas de acidentes, ataques cardíacos, afogamentos, hemorragias, ou seja, aqueles em que há risco de morte. Os pacientes com estados de saúde menos graves serão encaminhados a unidades de saúde.

Atualmente, a emergência atende cerca de 11 mil pessoas por mês, sendo que aproximadamente 90% são oriundos da Grande Florianópolis. Com as obras a expectativa é de que este número diminua para cerca de 2 mil pacientes por mês. A direção do HU orienta a população que durante as reformas procure os postos de saúde e as emergências de outros hospitais.

No Hospital Universitário trabalham hoje 1303 funcionários. Destes, 80, incluindo médicos, enfermeiros e técnico-administrativos, realizam atividades na emergência. Inaugurado há 26 anos, o Serviço de Emergência do HU recebe sua primeira ampliação. As obras vão custar em torno de R\$ 1 milhão e oitocentos mil reais.

Referência em saúde a



Foto: Jones Bastos

Triagem auditiva neonatal é oferecida pelo HU desde 2004

Daniel Ludwich

Bolsista de Jornalismo na Agecom

O Hospital Universitário (HU) se tornou um dos Centros de Referência em Saúde Auditiva em Alta Complexidade de Santa Catarina. Com a inauguração do Laboratório de Estudos da Voz e Audição (LEVA), no final de 2006, passou a ser responsável pelo tratamento auditivo em alta complexidade de 294 municípios em 29 regionais. O outro centro de alta complexidade na área está localiza-

do em Joinville. Inicialmente, o Laboratório de Estudos da Voz e Audição do HU está dividindo seus trabalhos em duas frentes: a Triagem Auditiva Neonatal e a Alta Complexidade em Próteses Auditivas. A principal inovação é a abordagem multidisciplinar e multiprofissional, já que o setor concentra diferentes profissionais.

Teste da orelhinha - A Triagem Auditiva Neonatal, também conhecida como "teste da orelhinha", é um exame feito em recém-nascidos com mais de 24 horas de vida. Através de emissões eletroacústicas, ele avalia as células ciliares de dentro da cóclea, que é o órgão sensorial da audição. Resultados negativos em um primeiro teste, no entanto, não precisam preocupar os pais, pois o acúmulo de líquidos no ouvido após o parto é comum e interfere no resultado do exame.

A criança deve, então, repetir o exame em um prazo de 15 a 20 dias. Apenas se o resultado negativo se repetir, a criança deve ser submetida a uma timpanometria e conduzida a um otorinolaringologista. O médico se encarregará de encaminhar a criança ao exame de Potencial Evocado Auditivo de Tronco Encefálico (BERA), responsável por avaliar o nervo auditivo e o tronco encefálico do paciente. Com os resultados do BERA, a criança será encaminhada para o tratamento adequado, que pode ser clínico, cirúrgico ou até a colocação de uma prótese.

Atualmente, o HU faz cerca de 390 "testes da orelhinha" por mês e é o único hospital público que realiza o BERA com sedação. Segundo a Coordenadora do Grupo de Fonoaudiologia do Laboratório, Luciana Ferreira Cardoso, tan-

Remédios & respostas

Por Ana Carolina Dall'Agnol

Bolsista de Jornalismo na Agecom

O uso constante de analgésicos causa dependência? Antibióticos podem reduzir a eficácia de pílulas anti-concepcionais? Dúvidas como estas e outros questionamentos sobre o uso de medicamentos e drogas que causam dependência podem ser esclarecidos pelos professores do Departamento de Farmacologia da UFSC, através do site www.farmacologia.ufsc.br/graduacao/canalaberto.php

O recurso faz parte do projeto Canal Aberto, que possui também uma sessão com notícias relacionadas à área de Farmacologia. Criado para esclarecer a linguagem técnica das bulas de remédio, o projeto tem como

objetivo principal aproximar pessoas leigas e até mesmo profissionais da área de saúde e educação aos membros do Departamento. "O que buscamos é a interação com o público", explica o coordenador do projeto, Carlos Rogério Tonussi.

As dúvidas são respondidas em aproximadamente 48 horas e cada questão é encaminhada ao docente mais especializado no tema. De acordo com Tonussi, as perguntas são variadas e repetem-se bastante apenas quando o assunto está em evidência na mídia ou quando surge algum medicamento novo no mercado.

O professor relata, também, que algumas vezes a equipe recebe perguntas impróprias e relembra o caso de um advogado. "Ele nos escreveu sobre um caso que envolvia o uso de

humanização

auditiva

to as famílias quanto os pediatras já reconhecem a importância do exame.

Ela afirma que, quanto mais precocemente for identificada e tratada a deficiência auditiva, maiores serão as chances da criança ter um correto desenvolvimento da audição, da fala e da linguagem.

Alta complexidade - O trabalho no campo da Alta Complexidade em Próteses Auditivas verifica o tipo e o grau das perdas auditivas de pacientes encaminhados pela Secretaria de Estado da Saúde. Após bateria de exames, o otorrinolaringologista indica o tratamento que deve ser aplicado a cada paciente. O tratamento pode ser clínico, cirúrgico ou a colocação de uma prótese. No HU, serão colocadas cerca de 100 próteses gratuitas por mês.

Para o futuro, o coordenador do laboratório, o otorrinolaringologista e professor Waldir Carreirão Filho, explica que o laboratório já tem projetos montados e encaminhados para a Secretaria de Saúde. Entre eles o da Alta Complexidade em Via Aéreas e Digestivas Superiores da Face e do Pescoço. Este é um projeto mais amplo, englobando sete grandes serviços em alta complexidade, envolvendo a participação de otorrinolaringologistas, cirurgiões da cabeça e pescoço, neurocirurgiões, pneumologistas, cirurgiões plásticos, cirurgiões ortodônticos e cirurgiões buco-maxilofaciais.

Casos de fendas labio-palatais, por exemplo, serão tratados dentro dessa Alta Complexidade. O implante coclear, que é a colocação de uma prótese dentro do ouvido do paciente e que ainda não é feito no Estado, também está entre os projetos futuros e de curto prazo.

medicamentos. Percebemos que ele queria praticamente um parecer como resposta, então achamos melhor não nos envolver".

O coordenador ressalta que o serviço não pretende sugerir tratamentos para qualquer tipo de doença e que as informações obtidas não substituem a consulta médica. E faz um alerta: as informações contidas no site não podem ser usadas por veículos da mídia em geral, sem autorização por escrito da Coordenadoria Especial de Farmacologia da UFSC.

Além de notícias e do espaço aberto às perguntas, o site possui a sessão "Fique de Olho", que traz informações sobre cuidados com os 'venenos domésticos' e o uso correto de analgésicos e anticoncepcionais.

Laboratório estuda células-tronco a partir de placenta e de cordão umbilical

Arley Reis
Jornalista na Agecom

Lixo em muitas maternidades brasileiras, cordões umbilicais e placentas são fundamentais em pesquisas na UFSC. Professores e estudantes do Laboratório de Neurobiologia e Hematologia Celular e Molecular estão buscando avançar o conhecimento no campo de células-tronco a partir da investigação destes materiais. Uma das vantagens é que o uso destes tecidos não acarreta problemas éticos e religiosos, como no caso das células-tronco embrionárias. As células-tronco têm capacidade de se transformar em diferentes tecidos e sobre elas estão depositadas esperanças para melhoria do tratamento do câncer, de doenças cardíacas e neurodegenerativas, como Parkinson e Alzheimer.

Pesquisas recentes vêm mostrando que o sangue do cordão umbilical e da placenta possuem células-tronco. Entretanto, não se sabe ainda como acontece a diferenciação destas "matrizes" em outras células. O laboratório da UFSC, ligado ao Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética, do Centro de Ciências Biológicas, estuda a transformação de dois tipos específicos de células-tronco: as hematopoéticas e as mesenquimais. A equipe usa placenta e cordão umbilical dos partos realizados no Hospital Universitário.

As células-tronco hematopoéticas estão ligadas à geração dos diversos constituintes do sangue. Para tratamento de leucemias, tipo de câncer que compromete o desenvolvimento dos glóbulos brancos, por exemplo, é realizado o transplante de medula óssea, para substituição destas células. Atualmente já é possível utilizar o trans-

plante com células-tronco hematopoéticas obtidas do cordão umbilical, mas estudos mostram uma baixa quantidade neste material para se pensar em sua utilização em um adulto. O maior potencial está na terapia em crianças. Por outro lado, por serem "imaturas" imunologicamente (estão em um estágio muito primário de desenvolvimento), as células-tronco hematopoéticas de cordão umbilical têm mais chances de serem bem aceitas pelo receptor - um dos maiores desafios em transplantes é a rejeição.

Diante destes potenciais, a equipe da UFSC trabalha com a possibilidade de aumentar a quantidade de células-tronco no cordão umbilical, em um processo onde se busca sua amplificação *in vitro*. Neste caso o objetivo futuro é usar as células-tronco hematopoéticas como um medicamento, na chamada terapia celular.

Já as células-tronco mesenquimais são capazes de gerar tecido cardíaco e neural. A partir de sistemas *in vitro*, a equipe da UFSC estuda sua diferenciação em elementos do sistema nervoso. Em breve a pesquisa deve chegar a uma abordagem pré-clínica, com testes em animais. O grupo está desenvolvendo também experimentos em ovos de aves. Células-tronco de cordão umbilical e de placenta são injetadas nos vasos sanguíneos dos ovos e os pesquisadores observam sua capa-



Foto: Jones Bastos

Equipe pesquisa células-tronco com material coletado no Hospital Universitário

cidade de reconhecer pontos específicos. Segundo ele, os estudos com células-tronco mesenquimais usando ovos de aves são pioneiros no Brasil e o mapeamento da trajetória envolve questões bastante complexas. Nessa linha, o grupo trabalha também com o desenvolvimento de traçadores fluorescentes, para acompanhar o deslocamento da célula-tronco e o local em que vai se alojar.

Mas, ainda que apresentem potencial considerável para as pesquisas, as células-tronco obtidas a partir do cordão umbilical e da placenta ainda têm comportamento bastante desconhecido e existe o temor de que possam gerar tumores ao invés de reconstituir os tecidos. "Elas precisam ser muito bem caracterizadas dentro de uma visão da biossegurança", alerta o professor, satisfeito com a posição de estar em uma equipe que estuda situações inéditas do campo da medicina regenerativa.

Saiba mais:

Outras pesquisas na UFSC

No Laboratório de Neurobiologia Celular e Molecular outro campo de trabalho com células-tronco está sendo desenvolvido com base no processo de reversão fenotípica. Elas são estimuladas a regredir ao estágio de célula-tronco, através de um processo que pode ser chamado de "des-diferenciação", para depois adquirir uma nova potencialidade, formando então uma célula ou um tecido diferente do inicial.

Células-tronco adultas

Pesquisas recentes demonstram a presença de células-tronco específicas em tecidos adiposo, do fígado, sistema nervoso central, pele, cordão umbilical e placenta. São as células-tronco adultas mais limitadas a gerar diferentes tipos de tecidos, pois já passaram por diferenciação e possuem estruturas e funções biológicas específicas. Não existem problemas éticos e religiosos para sua utilização, desde que observados os aspectos bioéticos.

Células-tronco embrionárias

São obtidas a partir do embrião formado logo após a fertilização e podem dar origem a todas as variedades de tecidos e órgãos existentes no organismo. A dificuldade, no entanto, é descobrir o que leva uma célula-tronco a se transformar em um determinado tipo de tecido e não em outro. Por dependerem de embriões, são responsáveis pelas maiores polêmicas éticas e religiosas sobre o tema.

Diálogo de saberes

UFSC propõe alternativas ao uso de herbicidas na agricultura

Daniel Ludwich

Bolsista de Jornalismo na Agecom

As ervas daninhas não são mais o terror dos agricultores. Apesar de ainda carregarem má fama, uma pesquisa da UFSC está tratando de reparar esta visão equivocada. Coordenado por dois professores do Departamento de Engenharia Rural, ligado ao Centro de Ciências Agrárias (CCA), o projeto "Entendendo os princípios ecológicos para o desenvolvimento e disseminação do plantio direto orgânico" mostra que é mais vantajoso optar pelo manejo da "vegetação residente" – não mais chamada de erva daninha – do que utilizar herbicidas para combatê-la.

Partindo de uma visão agroecoló-

gica, o objetivo é substituir o uso de herbicidas pelo manejo da vegetação residente. Os experimentos são feitos em estações da Epagri em Campos Novos e Ituporanga. Em Ituporanga, além de experimentos são realizadas reuniões entre os pesquisadores e grupos de agricultores, que compartilham suas experiências. Cada um apresenta a sua "receita" e destas conversas surgem as alternativas que melhor se adaptam ao microclima da região. Segundo o professor do Departamento de Engenharia Rural e um dos coordenadores da pesquisa, Paulo Emilio Lovato, a idéia central do projeto é justamente propor um diálogo de saberes entre os agricultores e entre os agricultores e os pesquisadores.

Tapete de palha - O "passo-a-passo" do plantio direto é um bom exemplo da aplicação da pesquisa. Em abril é plantada a vegetação de cobertura, formada por aveia forrageira, ervilhaca e nabo forrageiro. Ela vai servir para controlar a vegetação residente e aumentar a qualidade do solo. Em setembro, a vegetação de cobertura é derubada para que não produza sementes, formando um tapete de palha sobre o solo, o que inibe o desenvolvimento da vegetação nativa.

Sobre este tapete de palha, máquinas adaptadas para o sistema são usadas para fazer o plantio. Quanto menos se mexer na palha, melhores serão os resultados. No final de fevereiro é feita a colheita. Entre fevereiro e abril – no intervalo entre a colheita e a

época de recomeçar a plantar a vegetação de cobertura – o terreno é roçado para manter baixa a vegetação residente.

Ao evitar o uso de herbicidas, o manejo traz vantagens para o ambiente e para a saúde do agricultor. O pequeno produtor também gasta menos e ganha mais autonomia, pois passa a ser dono de sua própria tecnologia. A proposta vem sendo praticada em pequenas propriedades que, assim com a agricultura de base ecológica, são focos dos estudos desenvolvidos no Centro de Ciências Agrárias da UFSC.



UFSC e Epagri desenvolvem novas espécies da goiabeira-serrana

Goiaba superior

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Dois cultivares da goiabeira-serrana foram lançadas em Santa Catarina. São as primeiras plantas dessa espécie desenvolvidas e lançadas no Brasil. Pesquisadores da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina (Epagri) e da UFSC foram responsáveis pelo desenvolvimento. Depois de longo trabalho de observação das populações na natureza e de uma série de cruzamentos, os pesquisadores selecionaram as duas cultivares que apresentam um maior número de características favoráveis ao cultivo e à qualidade da fruta.

Uma das importantes vantagens das novas plantas é o fato de seus frutos maturarem no outono, característica rara em outras frutíferas. Isso garante o fornecimento de frutas frescas na entressafra. As duas cultivares lançadas só variam na época de maturação dos frutos, sendo uma mais precoce e outra mais tardia. O Ministério do Meio Ambiente (MMA) participou do lançamento com o interesse de estimular o cultivo das espécies, já que a goiabeira-serrana é uma das plantas priorizadas em recente estudo desenvolvido pelo MMA sobre as Plantas para o Futuro. Com a iniciativa, os produtores rurais poderão adquirir mudas da planta, sendo possível uma produção em escala comercial. A expectativa é que já a partir de 2008 seja iniciado um processo sistemático de abastecimento dos mercados nacionais com essa fruta.

A goiabeira-serrada é adaptada a regiões de altitude. As duas cultivares são recomendadas para o plantio em áreas acima de 1000 metros de altitude, pois assim ficam reduzidos os problemas com pragas e doenças. Os estados mais propícios para seu cultivo são Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. A aparência do fruto da goiabeira serrana lembra um pouco a goiaba que já é comercializada. Entretanto, seu sabor é mais ácido e silvestre. De acordo com os pesquisadores, a goiaba será uma boa opção

para quem quer experimentar novos e marcantes sabores. Apesar da goiabeira serrana ainda não fazer parte das frutas comercializadas em escala nacional no Brasil, ela já é cultivada em outros países, como a Nova Zelândia, onde podem ser encontrados mais de vinte produtos feitos a partir da fruta, entre eles, sucos, biscoitos, geléias, óleos e, até mesmo, espumante. O motivo de ser pouco conhecida no país é a ausência de variedades melhoradas.

Na visão dos pesquisadores, o cultivo desta fruteira é uma alternativa para pequenos agricultores, já que é possível conciliar a produção da goiabeira-serrana com outras atividades agrícolas. A Epagri já iniciou um programa de distribuição de mudas para os agricultores interessados, e já existem mais de dez pequenos pomares em observação. Este programa deverá ter continuidade, agora com a distribuição de mudas destas duas variedades.

Saiba Mais:

Os nomes

Por se desenvolver em regiões de serra, a goiabeira ganhou popularmente o sobrenome de serrana. Seu nome científico é *Acca selowiana*. Os índios Kaingang a chamam de kanê kriyne. No Uruguai é conhecida como guayabo verde e guayabo del país e na língua inglesa é denominada como pineapple-guava.

Mais pesquisas

O interesse pelo cultivo da goiabeira-serrana bem como da obtenção de produtos dela derivados, como geléias e licores, vem aumentando nos últimos tempos. A doutoranda do Curso de Pós-graduação em Recursos Genéticos Vegetais da UFSC, Karine Louise dos Santos, está realizando uma pesquisa participativa nos municípios de São Joaquim, Urupema e Urubici onde os agricultores estão envolvidos na identificação e na escolha de plantas superiores bem como divulgação do potencial desta espécie para o Estado.

Extensão rural

A UFSC foi convidada a fazer parte do Grupo Gestor de Comunicação e Atividades de Extensão Rural em Santa Catarina. A decisão foi tomada na plenária final pelos participantes da II Oficina Catarinense de Comunicar. O evento foi uma promoção conjunta entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e a Empresa de Pesquisas Agropecuárias de Santa Catarina (Epagri). Reunidos em Florianópolis, agrônomos e representantes de entidades ligadas ao setor agrário discutiram estratégias de integração com os trabalhadores do campo. Experiências inovadoras foram divulgadas durante o encontro, inclusive com lançamento de vídeos e publicações para facilitar o trabalho do extensionista rural no Estado. O Grupo Gestor de Comunicar terá a incumbência de formular políticas públicas para o setor, bem como articular a efetiva participação da sociedade civil no processo. A Agência de Comunicação (Agecom) da UFSC participou do evento.

Grupo Montevideo discute Universidade do Mercosul

Debater o processo de aceleração da formação de professores nas áreas de Ciências e tratar da questão do mestrado latino-americano são os pontos principais da 47ª Reunião do Conselho de Reitores da Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), na qual será lançado o Instituto para o Desenvolvimento de Energias Alternativas da América Latina (Ideal).

O evento acontece nos dias 26 e 27 de abril, na Sala dos Conselhos da UFSC, prédio da Reitoria, e contará com a presença de representantes das 18 universidades públicas do Mercosul que integram a Associação. O ministro da Educação, Fernando Haddad, foi convidado.

A abertura será feita pelo reitor Lúcio José Botelho e pelo secretário geral da AUGM, Rafael Guarga, às 14h30. Na sexta-feira, dia 27, às 9h, Lúcio Botelho ministra a palestra "A UFSC e a formação de professores de Ensino Médio". Ele enfatizará, entre outras prioridades, a interiorização da Universidade.

Desde a sua fundação, em 1990, o Grupo Montevideo trabalha para a consolidação e o fortalecimento de um espaço acadêmico regional comum,

através da cooperação científica, tecnológica, educativa e cultural. Atualmente envolve uma população universitária de mais de 820 mil estudantes e de 80 mil docentes e pesquisadores.

Também na sexta-feira, às 18h, no hall da Reitoria, está previsto o lançamento do Instituto para o Desenvolvimento de Energias Alternativas da América Latina (Ideal), com sede em Florianópolis, que nasce com o objetivo de fomentar as energias renováveis junto a governos, parlamentos, meio acadêmico e empresarial, além de possibilitar uma política de integração e desenvolvimento regional que contemple as energias alternativas dos países.

"O Instituto pretende ser um fórum e um órgão de apoio a todos os países da América Latina. Por ser uma organização civil, sem fins lucrativos, ele precisa levantar recursos, por exemplo, do Setor Elétrico", conta o professor Ricardo Rütther, coordenador do Laboratório de Energia Solar da UFSC e diretor Técnico do Ideal. Segundo Rütther, uma das ações será a realização de concursos para premiar os melhores trabalhos acadêmicos sobre meio ambiente, energias renováveis e eficiência energética.

Novos Docentes

A Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina recebeu os novos professores que passaram a compor o quadro docente da universidade. O evento marcou a abertura do Programa de Formação Continuada para Professores Efetivos (Profor), cujo objetivo é oferecer formação pedagógica para 140 novos docentes que ingressaram nos últimos dois anos. Somente neste ano 70 professores foram incorporados à instituição. Neste semestre o programa vai oferecer três disciplinas, uma oficina e duas palestras, perfazendo uma carga horária de 120 horas em formação pedagógica.

Luis Fernando Figueiredo



Minicursos gratuitos

A UFSC vai oferecer mais de 190 opções de minicursos gratuitos durante sua 6ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex), que acontece de 16 a 19 de maio. As inscrições devem ser feitas até 30 de abril pelo site www.sepex.ufsc.br ou diretamente na Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, no campus (fone 3721-9915). Os minicursos variam de 4 a 8 horas e são abertos à comunidade, sem exigência de pré-requisitos. Serão ministrados por professores, alunos e servidores da UFSC. Os participantes receberão certificados do Departamento de Apoio à Extensão (Daex), ligado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da UFSC.

Este ano entre os temas contemplados estão aquecimento global; biotecnologia e alimentos transgênicos; criação animal agroecológica; diversidade de abelhas em Santa Catarina; homeopatia veterinária, noções gerais de propriedade intelectual; plantas psicotrópicas; influência do estresse sobre a ansiedade e depressão; cirurgia bariátrica e a necessidade de abordagem multiprofissional; boas práticas de fabricação e manipulação de alimentos. Sexo e planejamento familiar; assédio moral no trabalho; espiritualidade e cotidiano; história do direito do traba-

lho; higienização e conservação de documentos também estão entre as inúmeras opções.

A Sepex vem sendo realizada pela UFSC desde 2000. Conta com mostra de ciência e tecnologia, minicursos e uma intensa agenda cultural. É um momento privilegiado em que a comunidade pode conhecer e interagir com o que está sendo feito na universidade. Na quinta edição, em 2005, circularam no pavilhão principal da Sepex mais de 45 mil pessoas. Público de todas as idades visitou 120 estandes interativos e 1.870 painéis. Mais de cinco mil pessoas se inscreveram para os minicursos.

Durante a Sepex acontecem a XX Reunião Anual da ABEU (www.abeu.org.br) e a III Feira Anual do Livro Universitário (adriano@editora.ufsc.br).



Movimentos Sociais na UFSC

Talita Fernandes

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Entre os dias 25 e 27 de abril acontece na UFSC o 2º Seminário Nacional: Movimentos Sociais, Participação e Democracia. O evento é uma iniciativa do Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais (NPMS), considerado um dos mais importantes do País na produção de conhecimento na área.

O evento visa a atualizar reflexões e estudos sobre a sociedade, debatendo teorias usadas para a compreensão dos movimentos sociais, ações coletivas e práticas participativas através de grupos de trabalhos e mesas-redondas. A primeira edição do seminário foi realizada em maio de 2004 quando o núcleo comemorava 21 anos de existência.

Depois do grande número de trabalhos de boa qualidade apresentados no primeiro seminário, a discussão sobre movimentos sociais e democracia ganhou uma nova perspectiva na segunda edição. "Apesar de ter sido mantido o mesmo nome do seminário, os grupos de trabalho e as mesas-redondas estão com temas diferentes", diz

Karine Pereira Goss, que compõe o NPMS. O destaque para este ano é a criação de mais um grupo de trabalho, com o tema "Políticas de reconhecimento e ações afirmativas".

Foram selecionados cerca de 170 trabalhos, a maioria produzida por mestres e doutores. Os coordenadores e debatedores do seminário são de diversas universidades do País e do Estado, entre elas, UFSC, Udesc, USP, Unicamp, UFRGS, UnB, Univali e UFPR.

Podem participar do evento todos aqueles interessados em acompanhar as discussões, mas só receberão certificados os debatedores, coordenadores e autores de trabalhos.

O Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais foi criado em 1983 e, atualmente, é coordenado pela professora Ilse Scherer-Warren. Com destaque nacional e internacional nos estudos sobre a democracia e movimentos sociais, o Núcleo desenvolve trabalhos como livros, monografias de graduação, teses de mestrado e dissertações de doutorado.

Outras informações pelo site www.npms.ufsc.br e pelo telefone (48) 3721-8826.

Capacitação profissional

A programação dos cursos de capacitação profissional para os servidores da UFSC está definida para o trimestre em curso. Como parte do Plano de Capacitação, serão oferecidos 25 cursos nos meses de abril, maio e junho, destinados aos servidores técnico-administrativos e docentes. Entre os temas, serão oferecidos cursos específicos sobre o uso de programas de informática (Excel, Power Point, Windows, Word, Linux, Access); Ética na Universidade, Produção de Textos Oficiais, Conhecendo a UFSC e Direito Administrativo. Para a efetivação de sua inscrição nestes cursos é necessário preencher a ficha de inscrição e entregá-la à Divisão de Capacitação e Afastamento para Formação/DDPP até o dia estabelecido na programação de cada curso. A Diretora do Departamento de Desenvolvimento e Potencialização de Pessoas, Carla Búrgio, entende que o planejamento destes cursos de capacitação é compatível com as necessidades da Instituição, e que estas não são estanques. Logo, outros cursos poderão ser acrescidos na programação deste primeiro trimestre. A programação completa está na internet: www.prdhs.ufsc.br. Outras informações na DCAF/DDPP, através do ramal 9690.

Justiça ambiental

A convite do Ministério Público de Santa Catarina, a UFSC ofereceu um curso para procuradores e promotores de justiça do Estado que trabalham na área ambiental. A capacitação foi ministrada por integrantes do Laboratório de Ecologia Florestal, ligado ao Departamento de Botânica. Há anos o grupo trabalha no desenvolvimento de tecnologias para recuperação de áreas degradadas. Com a transferência de conhecimentos a partir do curso, a fundamentação científica poderá subsidiar a elaboração dos Termos de Ajustamento de Conduta (TAC). No caso de Santa Catarina, a principal preocupação está voltada à regeneração de locais comprometidos pelas atividades de rizicultura, suinocultura, silvicultura e fruticultura. O princípio básico da equipe é priorizar estratégias de restauração que facilitem os processos naturais dos ecossistemas.

Pratos de casa

Fapesc com orçamento e maior autonomia

O ex-reitor da UFSC, Diomário de Queiroz, reassumiu a presidência da Fapesc respaldado "na decisão do governador Luiz Henrique da Silveira de reforçar o orçamento e de fortalecer a autonomia e gestão, com programações orçamentária e financeira que assegurem as condições mínimas indispensáveis para sanar o passivo da fundação, honrar seus compromissos e colocá-la nas perspectivas de cumprir, nos quatro anos, o programa de governo voltado à construção de um estado catarinense fortalecido social e economicamente".

Acrescenta ainda que aceitou presidir novamente a Fapesc porque ela exercerá um papel importante na sustentação do processo de desenvolvimento de SC. Destacou também que a Lei de Inovação Catarinense, que está seguindo para a Assembleia Legislativa, consolidará o Sistema Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação. Diomário retoma a Fapesc com o desafio de liquidar um passivo de R\$ 46 milhões.

Articulista

Desde o dia 24 de março o professor do Departamento de Ciências Contábeis da UFSC, Jurandir Sell Macedo Jr, publica artigos sobre finanças pessoais no site do Banco do Brasil. Os textos são expostos semanalmente na página de investimentos do BB e tratam sobre poupança, fundos de investimento, tesouro direto, ações e outros assuntos relacionados ao mercado financeiro. O professor implantou no Brasil a disciplina de Finanças Pessoais, ministrada na UFSC. Para a função de articulista do BB foi exigido doutorado, com ênfase em finanças, certificação de planejador financeiro e outras qualificações. Os artigos podem ser lidos no link <http://www.bb.com.br/appbb/portal/voce/ep/inv2/index.jsp?cod=2>. O professor divide o espaço com o economista Roberto Macedo.

Infância

Duas alunas do Curso de Jornalismo da UFSC tiveram os seus projetos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) selecionados para a bolsa do *Programa InFormação*. Marina Gazzoni e Miriane Campos receberam um auxílio mensal de R\$ 300,00, durante seis meses, para desenvolver os seus projetos. O programa, que visa à cooperação para a qualificação de estudantes de Jornalismo, é promovido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e pela Fundação Kellogg.

Exercício para a pesquisa

José Antônio de Souza
Jornalista na Agecom

Você faz parte do numeroso grupo de sedentários que deseja exercer uma atividade física e não sabe como começar? Pois o Laboratório de Esforço Físico (LAEF) da UFSC pode lhe dar várias dicas. Através do Programa de Avaliação de Aptidão Física Geral, são realizados testes sobre a condição física e determinados os tipos mais adequados de exercícios para cada pessoa.

Não só aos iniciantes, o LAEF também está à disposição de atletas profissionais, clubes e associações esportivas, num trabalho desenvolvido desde a década de 80. Coordenado pelo professor Dr. Luiz Guilherme Guglielmo, o laboratório está entre os cerca de 12 centros de excelência esportiva do país, dentre universidades públicas federais e estaduais.

O trabalho do LAEF é amplo. Uma de suas finalidades é avaliar atletas de ponta que participam de olimpíadas e de competições internacionais, como os jogos Pan-america-

nos de 2007, que vão acontecer no Rio de Janeiro. Esse trabalho já está sendo feito com atletas da seleção brasileira de hockey de grama, cuja avaliação será decisiva para participarem do Rio 2007. No mesmo laboratório estão sendo analisadas, também, as condições físicas de atletas da seleção brasileira de tênis de campo, que estarão competindo no Rio.

As avaliações se baseiam na coleta do lactato sanguíneo, substância produzida em alta escala durante a realização do esforço físico, e que determina com precisão o condicionamento do atleta. A partir desse diagnóstico, pode ser prescrito o tipo de exercício a ser aplicado a cada um, assim como a alimentação adequada para melhorar seu rendimento. O laboratório é utilizado também como apoio às aulas práticas dos cursos de graduação e pós, além de dar amparo às pesquisas de TCC, dissertações e teses em Fisiologia do Exercício, que é sua linha de investigação.

O laboratório recentemente recebeu R\$ 300 mil para compra de equipamentos que vão ajudar na avaliação de atletas. Segundo o professor Antonio Pereira Moro, coordenador-

técnico de projetos do Cenesp/UFSC, os recursos vão possibilitar a compra de um K4, que mede a capacidade pulmonar do desportista, um Lacto Sanguíneo, que mede a resistência do atleta durante o treinamento, um termógrafo (câmara que mede a quantidade de calor emitida pelo músculo após a realização de exercícios) e um Nexus 10, que faz bio feed back.

Todo equipamento é portátil e vai permitir que o atleta seja avaliado no momento em que está em treinamento ou mesmo antes, durante e depois de provas desportivas, obtendo resultados diferentes dos adquiridos nos laboratórios. Segundo o professor Moro, o material será importado e deverá ser utilizado na avaliação de atletas que vão participar da Rio 2007. O material foi adquirido através de projeto de pesquisa financiado pela Finep destinada aos pesquisadores da rede Cenesp, cujo valor máximo poderia chegar até R\$ 500 mil.

Mais informações podem ser obtidas através do e-mail luzguilherme@cds.ufsc.br.

Tempo de se preparar para a UFSC

Cláudia Schaun Reis
Jornalista na Agecom

A fila que se formava na frente de uma das salas do Centro de Cultura e Eventos para confirmar a presença na aula inaugural do Cursinho Pré-vestibular Popular da UFSC era grande. As 160 pessoas de variadas idades se mostravam ansiosas para começar uma nova etapa em suas vidas. O caminho a ser percorrido para o ingresso na UFSC, para elas, parece ter agora diminuído.

Mariana Alves era uma das primeiras da fila. Aos 19 anos, saiu de Ituporanga para fazer o cursinho e tentar uma vaga em Agronomia. Veio acompanhada da irmã Jaqueline, de 23 anos, estudante de Química, que a informou sobre o curso quando as

inscrições se iniciaram. "Acho que o cursinho é importante também para dar uma base para o curso universitário. Senti falta de um pré-vestibular quando comecei Química, e acho que agora ela vai ter mais embasamento que eu", acredita Jaqueline.

A aula inaugural teve a participação do pró-reitor Marcos Laffin, que destacou o trabalho do curso, não só na preparação e explicação dos conteúdos, mas também na valorização do potencial de cada estudante. "Nosso pré-vestibular não fica devendo nada aos cursos particulares", afirmou.

O reitor Lúcio Botelho lembrou que o primeiro ano de funcionamento do curso, em 2003, teve como critério de seleção fazer parte do grupo de isentos na inscrição do vestibular. "A

época, foi formada turma de 60 alunos, dos quais 3% conquistaram suas vagas. Ano passado, entre semi e extensivo, tivemos um total de 350 alunos, e 76 deles entraram na universidade", afirmou.

O Cursinho Pré Vestibular Popular da UFSC foi idealizado por Otávio Augusto Auler, ex-aluno de escolas públicas que se formou em História pela UFSC. O coordenador explica que além das disciplinas exigidas no vestibular, o curso também oferece apoio psicológico e palestras que falam de cidadania através de temas como meio-ambiente, ética, solidariedade e empreendedorismo.

Mais informações sobre o curso podem ser obtidas através do telefone 3721-8319 e do endereço www.cursinho.ufsc.br.

Pesquisadores alertam sobre o Mal de Parkinson

Celita Campos
Jornalista na Agecom

Para comemorar o Dia Internacional da pessoa com Mal de Parkinson, a Universidade Federal de Santa Catarina realizou no dia 11 o "2º Encontro Catarinense sobre a Doença de Parkinson". O evento serviu também para reunir familiares, profissionais e interessados no assunto. O Mal de Parkinson, doença neurodegenerativa, é um fenômeno que não tem prevenção. Somente quando começam a aparecer seus sintomas é que sua presença será diagnosticada, o que provoca depressão e vem preocupando os pesquisadores da UFSC na busca de respostas preventivas. O evento envolveu vários setores da UFSC, a Associação Parkinson de Santa Catarina (APASC) e a Associação Brasil Parkinson de São Paulo.

Contra o Mal de Parkinson não há prevenção, mas existem muitos alertas que podem ser observados, levando-se em conta que o envelhecimento populacional aumentou consideravelmente e a incidência maior para o aparecimento da doença é a partir dos 50 anos. Há também os componentes ambientais como os agrotóxicos, já comprovados por pesquisas realizadas com pessoas de vida rural, além do estresse da vida moderna. Por outro lado, os pesquisadores acreditam que a alimentação com vitamina E e betacarotenos, que são antioxidantes, podem retardar o envelhecimento dos neurônios.

"Não se sabe a causa primária. É uma doença multifatorial. Pode-se dizer que tem uma pré-disposição genética. Mas pessoas antes mesmo dos 30 anos também podem ser portadoras", afirma o professor Rui Daniel Prediger, do Departamento de Farma-

cologia da UFSC e que estuda há três anos elementos que possam inibir o aparecimento da doença. Em testes realizados em laboratórios, o uso da cafeína e da nicotina vêm respondendo afirmativamente.

Um dos grandes problemas do Mal de Parkinson é o seu diagnóstico. "É uma doença que não tem estagnação. Avança sempre", enfatiza Rui. "O triste é que mesmo com falhas de memória, tremuras nas mãos e dificuldade na locomoção, a pessoa continua lúcida e sabendo que a situação vai piorando dia-a-dia", completa Prediger. "Nessa hora, quando começa a medicação contra a depressão e outros sintomas, a família tem que estar presente como um respaldo positivo no combate da doença".

O professor Rui Daniel Prediger é do Departamento de Farmacologia da UFSC e pode ser contatado pelo telefone 3721-9491, ramal 219.

Ombudsman

O leitor está atento. Talvez não se mostre. E isso ocorre por vários motivos. Assim, por iniciativa do *JU*, ocupamos um espaço em nome de todos os leitores, com a intenção de agir para buscar aquilo que está fora de lugar – ou exatamente no seu lugar – para uma abordagem crítica, aberta à redação e aos demais, com a finalidade de que a crítica reforce o desejo de melhorar sempre. E está presente, abaixo, a intenção.

Bebemos a água? - Provavelmente o revisor tenha corrido os olhos pelas chamadas de capa e anotou para verificar depois. Mas que ficou estranha a chamada "Beber da água da Ilha", isso ficou. Afinal de contas, falamos "beber a água da fonte". Então, não seria melhor dizer "Beber a água da Ilha"?

As mil maravilhas - Também na capa, ora o leitor deve ter conhecimento sobre a Língua, ora saber das gírias. O editor, no último caso, deveria ter aspedado parte da chamada "Inscrições para Sepex *estão a mil*". Quem anda *a mil* por hora é o Rubinho no seu novo Honda. Será que as inscrições ocorrem conforme o esperado? Ou ultrapassaram qualquer previsão? Nem uma, nem outra: *estão a mil*! E vamos entender que *a mil* é porque está tudo às mil maravilhas!

A linha de apoio x título - Na chamada com ilustração, que cobre boa parte da mancha da capa, a linha de apoio - "Pesquisador da UFSC defende uma conduta ética que esbarra no modelo de consumo e desenvolvimento adotado sob as salvaguardas do capital" - tenta tirar do leitor tudo o que ele possui de conhecimento sobre ética, modelo de consumo e desenvolvimento, filosofia e política. Séria, pomposa, a linha de apoio não consegue sustentar, até porque não anda na mesma linguagem e nem tem a mesma intenção (ferina), o título - "Não é que os ecochatos tinham razão?". Como se vê, o editor se rendeu ao discurso dos 'verdes', admite que alguém disse que eles têm razão, porém continua discriminando. Se eles têm razão, é porque são chatos? Ou porque são ecologistas? O verbo no passado também é um problema para o editor - e para o leitor. Quando é que eles passaram a ter razão não está explicado no texto.

Fora do balde - No "Caiu na Cesta", na nota **Manchete do AN** o autor brinca com o senso comum, punhando o tempo em que o Presidente Lula foi foco de matéria sobre o consumo de álcool. Infeliz, tanto quanto

a manchete do jornal de onde saiu a nota quanto para os leitores menos avisados do *JU*, que nada leram a respeito do suposto consumo de álcool de nosso governante, e que ficam sem nada entender - entendendo apenas o que está explícito no *AN*, ou seja, que Brasil e EUA assinaram um acordo.

O baile dos gerúndios - Vez por outra, a praga da Língua aparece. Às vezes, por descuido; outras, porque o redator não consegue ver o quanto é fácil escrever sem "bengalas". Isso mesmo, estou falando do gerúndio! Na capa, no olho sob o título "Beber da água da Ilha", aparece um ..., **está colocando em prática...** ora, quem está colocando põe de uma vez! Ou vai ficar nisso a vida toda! Nessa mesma, o verbo **colocar** (pôr alguma coisa em seu lugar) não serve. Melhor seria pôr em prática. Adiante nos gerúndios, chamamos a atenção para a matéria "Biodiesel Catarina", em que **os pesquisadores estão analisando** (desde quando? E quando terminam?) É fácil livrar-se das perguntas do leitor. Para isso, o repórter/redator deve respondê-las e esquecer as "bengalas" do gerúndio. Na mesma matéria, alguma coisa se perdeu no início do terceiro parágrafo. Ali está dito: "O biodiesel tem se mostrado (não seria mais econômico dizer de uma vez - é?) uma alternativa energética eficiente ao diesel..." Melhor afirmar: o biodiesel é uma alternativa energética mais barata/menos poluente/mais eficiente do que o diesel...

Afinal de contas, o nome da coluna é **As soltas?** Ou **As soltas?** Se for a primeira opção, não seria melhor deixar apenas **Soltas?**

Nariz - Se não conseguimos um grande e bonito nariz-de-cera, vamos pelo menos tentar. O texto da última página começa com uma descoberta: "A história da alimentação se confunde com a história do homem." Diante de tal constatação, não há mais motivo para temer: nossos ancestrais também se alimentavam! Por que é tão difícil dar informação já na primeira linha em textos de uma página, e por que é preciso reinventar a roda e chutar o *lead*?

Na certeza de que o próximo *ombudsman* será muito melhor e tratará com mais acuidade do que o presente, parabênz-os que fazem, porque somente eles podem ser criticados.

Rubens Lunge
Jornalista

Primeiras letras

Em vez do coachar, a arte de fazer poemas. Esse é o tema do livro infantil *A Sapinha Meiga*, de Regina Carvalho, professora aposentada do Departamento de Jornalismo.

A sapinha é uma personagem que mescla tradições da Galícia, Espanha - pois naquela região, as bruxas boas são chamadas de meigas - e as lendas da ilha de Santa Catarina. "Ela voa na vassoura de cipó e tudo, como uma boa bruxa mané da ilha", conta Regina. O livro traz ilustrações do professor de Jornalismo Clóvis

Geyer, que trabalha em sintonia com Regina, tanto que já estão juntos em outra publicação, ainda em fase de desenvolvimento. "Ele está acompanhando o andamento da história enquanto escrevo. Tem cenas que ele acha difíceis de ilustrar. Mas no fim, ele dá sempre um jeito". Regina aproveita a aposentadoria para escrever bastante. Já tem outros oito livros infantis prontos para serem publicados, está escrevendo um romance policial, poemas e uma obra sobre o cantor e compositor João Bosco.

Imagem



Foto: Jones J. Bastos

JU dos leitores

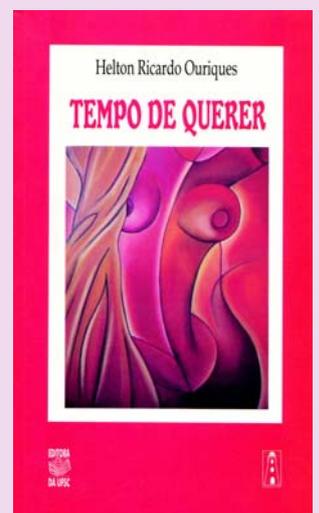
"No dia 21 de março passei pela rua Madre Benvenuta, que dá acesso à avenida Beira-Mar Norte, em dois momentos: primeiro, próximo ao meio dia, e segundo, às 14 horas. Encontrei nos semáforos localizados no cruzamento destas ruas vários alunos calouros da UFSC (não sei de que curso eram pois não parei em momento algum) vestindo apenas um calção, sujos (tinta, farinha e sabe-se lá o que mais), descalços, num calor horrível (sol a pico), visivelmente constrangidos por terem de pedir dinheiro aos motoristas que param nos semáforos. Percebi que estas criaturas estavam literalmente fritando os pés no asfalto, se contorcendo mesmo, manifestando pela fisionomia muita dor. Esta cena me deixou chocado e indignado. Isso tem que acabar, pois fere profundamente a dignidade de quem está sendo submetido a este constrangimento! Aliás, qualquer cidadão que se dirige à UFSC pela avenida Beira-Mar Norte, e que tenha um mínimo de visão e sensibilidade, presencia estas lamentáveis cenas todo o início de semestre!

As autoridades da UFSC certamente alegarão que este "fato" está acontecendo fora do campus e que portanto não há como coibir e punir. Acho que há sim! Basta acionar a Polícia Federal, pois é um crime. Aliás, qualquer pessoa pode mover uma ação judicial contra quem quer que seja por danos morais, e, neste caso, poder-se-á acionar também a UFSC por negligência"

Gilmar Borsio

ERRATA - Solo urbano - Com relação ao projeto Infosolo (Mercados informais de solo urbano nas cidades brasileiras e acesso dos pobres ao solo), informamos que em Florianópolis, além de coordenação da professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, Maria Inês Sugai, a pesquisa contou com a colaboração do professor pesquisador Lino Fernando Bragança Peres, do mesmo departamento, e das arquitetas Danielle Reche e Fernanda Lonardoní. Estudantes de arquitetura também participaram do estudo integrado ao Programa de Tecnologia de Habitação (Habitar), da Finep. O estudo vai caracterizar o mercado informal de solo nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Florianópolis, Salvador, Brasília e Belém.

A direção da Agecom agradece as mensagens recebidas a favor do JU e da Política Pública de Comunicação da UFSC.



Poesia

Helton Ricardo Ouriques está lançando *Tempo de Querer*, dentro da *Coleção Ipsis Litteris* da EdUFSC.

O autor é natural de Florianópolis. Doutor em Economia pela USP, é professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFSC.

Publicou também *Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna e A produção do turismo: fetichismo e dependência. Tempo de querer* é seu primeiro livro de poemas.

Enigma

O grande mistério inacessível aos antigos alquimistas descobri ao te descobrir cobrindo-te dissipando a neblina

[do passado com a áurea harmonia de te sentir mulher.

UFSC Homenageia a Capital

Florianópolis acaba de completar 281 anos

Artemio Reinaldo de Souza
Jornalista na Agecom

Dizem que dialogar é construir pontes; onde há pontes existe comunicação; e a comunicação, também dizem, é o caminho para a amizade sincera e verdadeira. Uma equação simples que há mais de 40 anos permeia a relação entre Florianópolis e a UFSC. São, na verdade, mais de quatro décadas de troca constante: a cidade quase tricentenária acolhe a "novíssima" universidade e lhe fornece os ingredientes necessários para a sua receita de ensino, pesquisa e extensão.

Desse trinômio vão sair médicos, advogados, engenheiros, jornalistas, enfermeiros, professores, doutores, mestres, especialistas, muitos deles gerados pela Ilha da Magia e formados na Universidade Federal de Santa Catarina que, dessa forma, devolve à cidade o sentido da sua existência, ou seja, moldar um ser humano antes e um profissional capaz de transformar a história de seu povo de forma constante e sempre para melhor.

Sem medo de errar, pode-se dizer que essa é uma relação equilibrada, na qual os dois lados ganham. Florianópolis tem uma universidade considerada uma das cinco melhores da América Latina e a UFSC mora numa cidade que é a primeira em qualidade de vida no Brasil, e que no dia 23 de março comemorou 281 anos.

O fascinante mundo dos golfinhos

Juliana Dal Piva
Bolsista de Jornalismo na EdUFSC

"Um livro sobre ciência, para que os alunos possam conhecer as curvas no caminho", assim define um pouco de seu livro o professor Paulo César Simões Lopes, do Departamento de Ecologia e Zoologia da UFSC. *Um luar do delfim: a maravilhosa aventura da história natural* é uma obra literária para alunos, jovens cientistas e interessados. A publicação narra os conhecimentos adquiridos pelo professor em 20 anos de pesquisas.



Botos no Sul, golfinhos no Nordeste e ainda delfim em várias outras línguas. "Esses animais fascinam as pessoas desde a Grécia antiga criando mitos ao seu redor", explica Paulo Simões Lopes.



O livro vem para desmistificar. "A idéia é mostrar o bicho como ele é, nem bom nem mau". A obra tem nove capítulos que abordam desde o boto como predador, passando pelos delicados



Os golfinhos são predadores e costumam acompanhar os cardumes para interceptá-los e obter alimento. Modernamente, várias espécies estão ameaçadas de extinção devido à mortalidade acidental em redes da pesca comercial e artesanal, poluição por metais pesados, tráfego de embarcações e alterações do seu habitat como o aterro de marismas e manguezais.



Divulgação

pontos a respeito da inteligência do animal e questões sobre ética, até o compromisso com a conservação da espécie.

O professor conta que a idéia surgiu durante a realização do seu doutorado na PUC-RS, em 1995. A tese que trabalhava com a relação entre os golfinhos e a pesca artesanal impulsionou o trabalho. O pesquisador revela que outra motivação para escrever o livro foi a falta de literatura na área de ciência no Brasil. "Geralmente temos um material muito técnico, não temos o costume de escrever sobre ciência para leigos".

Saiba mais: Os golfinhos ou delfins são mamíferos do mundo aquático. Existem cerca de 37 espécies em todo mundo, sendo que a mais conhecida é o boto-da-tainha ou *Tursiops truncatus*, que ficou conhecido na famosa série de TV dos anos 60. São hábeis nadadores e algumas espécies como *Delphinus delphis* podem chegar a uma velocidade de 40km/h e dar saltos de cinco metros acima da água. Eles vivem geralmente entre 25 e 30 anos. A alimentação é à base de peixes e lulas, porém alguns comem preferem camarões.

Segundo o autor, vivem mais de 20 espécies diferentes de botos na costa brasileira. O livro está disponível para venda através de encomenda pelo e-mail lamaqsl@ccb.ufsc.br e pelo telefone (48) 3721-9626.

Para mais informações, visite o site www.lamaq.ufsc.br.



A UFSC dá parabéns e diz obrigado à cidade que a acolheu.



A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem orgulho de estar sediada há 47 anos em Florianópolis, que hoje comemora seu 281º aniversário. Integrada e fazendo parte da vida da cidade, a UFSC atravessou as pontes, deixou de ser uma Ilha, consolidou-se no Estado, na Região, virou referência no País e no exterior, destacando-se como a terceira universidade brasileira que mais produz ciência e tecnologia, assumindo, nesse quesito, o 5º lugar na América Latina.

Essa Universidade, representada pela ponte de saber construída junto à sociedade, baseada e plenamente inserida na história e no cotidiano da Capital, está também cada vez mais perto da população do interior, disseminando e socializando o conhecimento financiado pela comunidade. O sonho da interiorização ganha concretude com a implantação de 15 pólos da UFSC por todo o Estado.

É a universidade pública, gratuita e de qualidade produzindo ensino, extensão, cultura e pesquisa, integrando-se à comunidade. É a UFSC concretando efetivamente uma ponte permanente com as populações locais.

A peça, elaborada pela equipe da Agecom, foi publicada em jornais de circulação estadual